



Universidad y formación docente: un análisis del proceso de formación del proyecto institucional de becas de iniciación a la enseñanza de filosofía

POR SÉRGIO EDUARDO FAZANARO VIEIRA

sergio.vieira@puc-campinas.edu.br

INTRODUÇÃO

“Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele.”

FREIRE, Paulo.

O papel da educação superior, tanto para a sociedade quanto para o sujeito-cidadão, deve ser de estimular as transformações na corrente acelerada de mudanças que se vive em cada época histórica. A universidade, inserida nesse contexto dinâmico de mudanças sociais não pode deixar de se adaptar a elas, ou mesmo de desencadeá-las sob controle crítico e criativo, sob pena de ficar fossilizada rapidamente. Se a universidade reflete a realidade social em que está inserida (Chauí, 2001) também se encontra em condições de ser a projeção de um cenário futuro mais humanizado e justo na escala social.

As propostas curriculares dos cursos de licenciatura em filosofia muitas vezes não têm correspondido às exigências do contexto contemporâneo em que o egresso está inserido. Se considerado que a filosofia tem um papel social, independente do tipo de papel em questão, talvez nem mesmo responda aos anseios sociais. Neste sentido, a vida acadêmica praticada nos cursos de filosofia poderia não corresponder à contemporaneidade na medida em que não tem vínculo pragmático com a sociedade. Por outro lado, as propostas curriculares ainda refletem um modelo tradicional que se



assenta na repetição dos aspectos da história da filosofia, muitas vezes desvinculados de uma problematização acerca de temas relevantes no debate filosófico contemporâneo.

O problema com a formação acadêmica tende a cristalizar (Deleuze, 1992) a atividade exercida na academia. Acabando por constituir-se somente numa atividade de leitura e escrita meramente instrumental, na qual o filósofo assume apenas um caráter exegético e reprodutivo. Essa condição a qual está submetida à atividade acadêmica acaba inviabilizando a criatividade e a singularidade do pensamento.

Além de inviabilizar o aspecto criativo e singular, este modelo de formação acadêmica acaba desenvolvendo apenas as habilidades que, na maioria das vezes, não dão conta das dificuldades e das exigências inerentes ao processo de constituição do fazer filosófico. Conseqüentemente, dando origem a um tipo de atividade filosófica cujo resultado é tão somente o desenvolvimento de habilidades como a de interpretação de textos, na qual o filosofar está submetido a uma ordem ordinária à emancipação do pensar.

No entanto, os cursos de licenciatura no Brasil pressupõem, historicamente, o currículo assentado na dissociação entre teoria e prática à medida que as disciplinas didático-pedagógicas não têm nenhuma vinculação com os conteúdos propriamente filosóficos. O problema é que num curso de licenciatura em filosofia o estudante deveria desenvolver, durante sua formação, certas habilidades que o capacitam para atuar profissionalmente, as quais correspondem ao nicho no qual exercerá sua profissão de professor de filosofia. Ou seja, o licenciando deveria conseguir fazer aproximações importantes com a realidade social, educacional e escolar, as quais requerem uma constante associação entre teoria e prática.

O trabalho em andamento, pretende apresentar em sua fase final, um estudo sobre a formação docente em filosofia de alunos que participaram no período de 2012 a 2014 do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência inserida na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e mantida pela CAPES - Centro de Aperfeiçoamento



de Pessoal de Nível Superior. Pretende-se com esta pesquisa, contextualizar o momento sócio-político educacional brasileiro em que se apresentam políticas públicas de incentivo à formação docente por meio de espaços de articulação entre teoria e prática, além de propiciar uma aproximação efetiva entre a universidade e as escolas de educação básica, como também, a importância da socialização das experiências pedagógico-formativas realizadas no âmbito do curso universitário da instituição. Para tanto, a pesquisa percorrerá dois momentos: o embasamento teórico-filosófico sobre o processo de formação de professores associado às experiências vivenciadas pelos discentes deste período, que participaram do programa.

Do aporte epistemológico aos objetivos e procedimentos metodológicos, a pesquisa pretende detectar a partir do programa em estudo, as latentes mudanças no contexto educacional brasileiro e os impactos que o programa pode atingir como o incentivo na formação de professores e a valorização docente; ressignificar a prática pedagógica como também o papel docente do professor de filosofia. Pretende-se com este estudo, oferecer à comunidade acadêmica uma breve contribuição no processo de formação docente quiçá uma possibilidade emancipadora (Adorno,1995) das resistências que objetivam os sujeitos (educadores) da sociedade contemporânea.

O PIBID DE FILOSOFIA – PUC-CAMPINAS

"Ensinar não pode ser transmitir conhecimentos, mas, antes de tudo, provocar interesses e dúvidas [...] Só há conhecimento quando há interpretação. O contrário não é aprendido."

MOSÉ, Viviane.

Diante dos grandes desafios contemporâneos da escola básica e sensível à formação de professores que possam atuar de maneira marcante (Castanho, 2001; Kohan, 2009) na propedêutica do pensar e, posteriormente, fundar evidências filosóficas na construção do conhecer e do agir humano, a Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas contém, em seu projeto político-pedagógico:



Formar o profissional para o magistério da Filosofia no Ensino Básico, crítico e consciente dos conteúdos filosóficos e, também, por meio do domínio das competências e habilidades pedagógicas que o capacitem a produzir, aplicar e partilhar conhecimento filosófico, aprendido durante a graduação por meio de uma didática filosófica própria, com seus futuros alunos do Ensino Básico, de modo a promover uma aprendizagem significativa, para que estes tenham também desenvolvidas suas competências de criticidade e criatividade no trato do conhecimento, aliadas à conduta ética e cidadã. (FACULDADE DE FILOSOFIA, 2011, p.12)

Em um contexto educacional extremamente desolador que reproduz a cultura do conhecimento frágil, ingênuo, efêmero, fragmentado e extremamente limitado, cabe pensar e repensar os grandes desafios que o discente enfrentará em seu processo de formação acadêmico, como também em seu campo de atuação profissional. Diante as mudanças temporais e as demandas existentes no processo formativo dos discentes, o curso de Licenciatura em Filosofia, vem experimentando diferentes metodologias que estimulem o egresso no bom desempenho de suas funções profissionais, sobretudo, na área da educação básica. A participação em projetos reflete não só a preocupação na formação de professores como também contribui para amenizar os descompassos da educação brasileira.

No ano de 2012, com o advento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a Coordenadoria Especial de Licenciaturas da instituição estende às licenciaturas da universidade o convite à participação no programa.

No segundo semestre do ano de 2012, a faculdade de Filosofia em conjunto com as faculdades de Artes Visuais, Educação Física, Geografia e História, foram incluídas na prorrogação de edital e na ampliação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/PUC-CAMPINAS, que desde o primeiro semestre do mesmo ano, já desenvolviam suas atividades nas áreas de Biologia, Letras, Matemática, Pedagogia e Sociologia.

Os objetivos do projeto PIBID/PUC-Campinas e dos subprojetos de área vêm ao encontro das diretrizes da Política de Licenciatura da PUC-Campinas, com destaque a:



Incentivar a formação de professores para a educação básica, contribuindo para a elevação da qualidade da escola pública; valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; e, trabalhar a interdisciplinaridade por meio da articulação das ações previstas nos subprojetos de áreas, visando desafiar a fragmentação dos conteúdos e da prática pedagógica, possibilitando uma visão ampla e articulada da realidade. (COORDENADORIA ESPECIAL DE LICENCIATURA, 2012, p.4)

Aberto o edital, as atividades foram iniciadas com 10 alunos bolsistas na área específica de Filosofia, atuando com as demais áreas participantes do projeto em 5 escolas públicas das que participam do projeto na região metropolitana de Campinas. A diversidade de áreas do conhecimento em atuação possibilitou aos participantes do programa articular, a partir dos inúmeros desafios que são postos à formação docente, novos horizontes de atuação interdisciplinar sob diferentes olhares para a gestão e a atuação de atividades dos bolsistas nas escolas.

No âmbito das escolas de educação básica o programa prevê que os bolsistas de iniciação à docência realizem atividades diferenciadas, tais como: reconhecimento do espaço escolar, observação, colaboração, exercício da docência, coordenação de atividades didáticas, ações junto das comunidades escolares, presença em reuniões de HTPC, de professores e de pais, eventos culturais e festivos diversos.

Dentre as ações realizadas de 2012 a 2014, merecem destaque as ações pedagógicas específicas de áreas e as ações interdisciplinares que foram organizadas em módulos com temáticas emergentes na comunidade escolar, de forma a propiciar a articulação entre diferentes áreas e também a realização de atividades específicas de cada área do conhecimento. Em ambos os módulos as atividades foram divididas em dois momentos distintos: atividade geral (denominada “grupão”) e atividades específicas:

- **1º módulo:** com ações voltadas à socialização e reconhecimento do espaço escolar e atividades voltadas ao desenvolvimento dos conteúdos específicos de áreas, conforme previsto nos planos de atividade elaborados no início do semestre. Para as atividades específicas, os



alunos foram organizados em grupos, de acordo com as áreas presentes na escola. As ações planejadas para o “grupão” foram voltadas, essencialmente, ao reconhecimento do espaço escolar, da identidade dos alunos e integração dos bolsistas e alunos participantes. Neste momento todos os alunos participaram conjuntamente da atividade proposta. As áreas se revezaram no planejamento dessas atividades.

- **2º módulo:** com atividades interdisciplinares articulando todas as áreas atuantes na unidade escolar. A estrutura das atividades planejadas para o “grupão” foi mantida, constituindo um momento de integração de todo o grupo. No segundo módulo a proposta foi dar um passo a mais na direção da interdisciplinaridade, fazendo com que duas ou mais áreas planejassem em conjunto as atividades, promovendo o diálogo e a integração entre elas. A equipe de cada escola, a partir da realidade de cada uma delas, escolheu um tema geral que norteou e possibilitou a articulação dos conteúdos específicos de diferentes áreas. O final do 2º módulo constituiu o momento de avaliação e produção de relatórios por escola, no qual se apontou as atividades realizadas de modo específico por área e as interdisciplinares, com registro de aspectos positivos e dos que necessitam de aprimoramentos.

Para esta pesquisa, ainda em andamento, todas as ações realizadas neste período de 2012 a 2014 serão analisadas a partir dos relatórios de resultado enviados a CAPES e os registros que formaram o processo como planejamento das atividades, elaboração de estratégias, escolhas teórico-metodológicas, relatos das ações descritas pela coordenação, bolsistas e supervisores. Assim, neste primeiro momento coube apresentar em qual estrutura o bolsista desta universidade se insere.

PENSANDO A FORMAÇÃO DOCENTE EM FILOSOFIA NO BRASIL: BREVES REFLEXÕES.



“Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele.”

FREIRE, Paulo.

A formação docente em filosofia hoje no Brasil vive uma situação bastante desafiadora. Nos anos 60, todos os conteúdos trabalhados pela Educação são distribuídos com igual grau de paridade entre aqueles voltados para a formação geral e os de formação profissional. Em linguagem moderna, visavam uma solução para a relação instrução-trabalho, ou seja, do “dizer” e do “fazer”. As disciplinas humanísticas dentre elas a Filosofia perderam espaço para as disciplinas voltadas para as ciências naturais e produtivas (automação, cibernética, telemática) etc. (MANACORDA, 2002)

Recentemente a filosofia tornou-se obrigatória após ser praticamente banida do ensino brasileiro, mais incisivamente no período do regime militar e a reforma tecnicista de 1971. O debate de retomada do ensino de filosofia como disciplina curricular no ensino básico, caminhou por “duras penas” sob forças ideológicas que “boicotavam” a aprovação do projeto e adiavam sua sanção. Com o final do governo FHC, as articulações foram retomadas e o projeto lei tramitou pelo Congresso Nacional, sancionado em 2008 pelo presidente em exercício.

O resultado de todo este processo e essa história é que:

se desenvolveu muito pouco o campo de estudos e pesquisas em torno de uma didática da filosofia. [...] temos pouquíssima pesquisa, produção quase nula e nenhuma tradição nesse campo. A formação do professor de filosofia, quando se dá, acontece por esforço e mérito de professores universitários de disciplinas com ‘metodologia de ensino de filosofia’ e/ou ‘prática de ensino em filosofia/estágio supervisionado’, isolados nas instituições em que atuam GALLO, 2009, p. XI

No contexto desse imenso desafio em curso, reside o “como fazer” ou o como tornar acessível um saber especializado para as demandas presentes nas escolas brasileiras. Se espera, que a universidade como *locus* de formação no exercício docente, possa



contribuir para superação dos problemas históricos-pedagógicos vivenciados no ensino da filosofia.

Nesta perspectiva, a Licenciatura em Filosofia propõe além de capacitar o aluno para a análise das produções científicas e culturais, para o exercício da reflexão crítica sobre as questões epistemológicas, éticas e sociais do mundo contemporâneo, para o exercício da docência em Filosofia. No entanto, vale a reflexão de Cerletti (2009, p.55-56) que:

um professor de filosofia não se 'forma' tão somente ao adquirir alguns conteúdos filosóficos e outros pedagógicos, para então em seguida justapô-los. [...] vão sendo internalizados esquemas teóricos, pautas de ação, valores educativos, etc., que atuam como elementos reguladores e condicionantes da prática futura. De tal modo que um professor dispõe - quase que 'espontaneamente'- de uma multiplicidade de teorias, em geral desconexas, instáveis, desarticuladas, algumas até contraditórias entre si, que formam sendo incorporadas, fundamentalmente, em sua experiência inicial como aluno, em seguida como estudante de licenciatura e depois, finalmente, como professor regente

As expectativas na construção do saber não se efetua somente pelo acesso ao conteúdo filosófico via aulas ou leituras dos textos oferecidos pelos professores; a ênfase deverá recair sobre o tratamento filosófico que os estudantes conferem a esse conteúdo, orientados e supervisionados por aqueles professores, em atividades realizadas nas práticas de ensino, nos estágios *in loco* e em trabalho complementares e interdisciplinares.

As Diretrizes Curriculares para os cursos de Filosofia (Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1363/2001 e Resolução CNE/CES 1 e 2/2002), prevê desenvolver no processo formativo do estudante de filosofia, competências e habilidades as quais inferem:

Capacitação para um modo especificamente filosófico de formular e propor soluções a problemas, nos diversos campos do conhecimento; Capacidade de desenvolver uma consciência crítica sobre conhecimento, razão e realidade sócio-histórico-política; Capacidade para análise, interpretação e comentário de textos teóricos, segundo os mais rigorosos procedimentos de técnica hermenêutica; Compreensão da importância das questões acerca do sentido e da significação da própria existência e das produções culturais; Percepção da integração necessária entre a filosofia e a produção científica, artística, bem



como com o agir pessoal e político; Capacidade de relacionar o exercício da crítica filosófica com a promoção integral da cidadania e com o respeito à pessoa, dentro da tradição de defesa dos direitos humanos; Capacidade de leitura e compreensão de textos filosóficos em língua estrangeira; Competência na utilização da informática Disponível em

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>
acesso em 01/09/2014

Além de tais habilidades e competências, inferem-se objetivos gerais e específicos à licenciatura previstos:

Sólida formação de história da filosofia, que capacite para a compreensão e a transmissão dos principais temas, problemas, sistemas filosóficos, assim como para a análise e reflexão crítica da realidade social em que se insere. *O licenciado deverá estar habilitado para enfrentar com sucesso os desafios e as dificuldades inerentes à tarefa de despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do Ensino Médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente.* (grifo nosso)
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf> acesso em 01/09/2014

Mais do que diretrizes e orientações o processo formativo do professor de filosofia deve estar atento a dimensões que são próprias da construção reflexiva e crítica. Posições dialéticas do processo de construção do pensamento e do conhecimento humano. Deleuze e Guattari (1992, p.13) dizem que: *“a Filosofia mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos”*. Mas, *“na filosofia não cria conceito a não ser em função dos problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados”* (p.28). Gallo (2002, p.194) desenvolve:

a perspectiva de que a especificidade da filosofia e, portanto, também de seu ensino, está no ato da criação de conceitos. É esse ato que faz a filosofia propriamente filosofia e, assim sendo, se desejamos um ensino de filosofia ‘filosófico’, precisamos desenvolvê-lo através do trato com os conceitos.

Pensar com conceitos são posições e modos de compreender a realidade em suas relações contraditórias. Para isso, faz-se necessário ter claras as dimensões do filosofar que perpassa a ética-política (Ghedin, 1999); (Kohan, 2009), a meditação (Ricoeur,1977), a busca (Sócrates *apud* Japiassu, 2001), a admiração (Jaspers, 1987), a paixão (Ghedin, 1999), o diálogo (Platão *apud* Nunes, 2000), a suspeita e a dúvida



(Jaspers, 1987), a imaginação e a criação (Ghedin, 1999), a demanda por sentido e responsabilidade (Lévinas, 1993), a dimensão problematizadora (Saviani, 1985), e o compromisso com a crítica (Severino, 2008). As referências aqui citadas não esgota o desenvolvimento de cada dimensão, apenas oferece referência investigativa para pensar os elementos que compõem essas características.

Tais habilidades, competências e características esperadas do futuro docente em filosofia muitas vezes não podem ser vividas e experimentadas pela limitação curricular e pela impossibilidade de vivenciar espaços que podem ser verdadeiras oficinas de aprendizado, restringindo-se no processo formativo, não generalizado, apenas o cumprimento do estágio supervisionado, que prevê ações específicas da rotina escolar, inserindo o professorando ao sistema escolar. Formar professores transcende a formação inicial, dando lugar à necessidade de uma formação continuada, visando garantir a sua atualidade em um mundo de mudanças rápidas.

Ressignificar a docência é a hipótese para a limitação do processo formativo. Para esta pesquisa, escolheu-se um possível espaço para a compreensão desta problemática, tendo em vista o programa institucional de bolsa de iniciação à docência, factível para investigação e análise no processo de formação docente. Não esgotando o debate, e ainda em processo de construção teórica-metodológica, entende-se a importância de investigação na relação entre a academia e a escola básica fortalecendo o futuro educador.



Bibliografias e lista de fontes

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1995.

CASTANHO, S. A universidade entre o sim, o não e o talvez. *In*: VEIGA, J.; CASTANHO, M. E.

Pedagogia universitária: a aula em foco. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

CERLETTI, Alejandro A.; KOHAN, Walter Omar. **A filosofia no ensino médio**. Brasília: UNB, 1998.

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1992.

FACULDADE DE FILOSOFIA. **Projeto político-pedagógico e matriz curricular para o curso de licenciatura em filosofia**. Campinas, SP: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GALLO, S. O problema e a experiência do pensamento: implicações para o ensino de filosofia. *in*: BORBA, S.; KOHAN, W. (orgs) **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

JAPIASSU, Hilton. **Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje**. São Paulo, SP: Letras & Letras, 1997.

KOHAN, W. O ensino de filosofia frente à educação como formação. *In*: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (orgs) **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

KOHAN, Walter Omar; **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.



MANACORDA, Mario A.. **História da Educação. Da Antiguidade aos nossos dias.** São Paulo:Cortez, 2002.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RICOEUR, Paul. **De l'interpretation:** essai sur Freud . Paris: Éditions du Seuil, 1977.

SAVIANI, D. **Educação do senso comum à consciência filosófica.** 6ºed. São Paulo: Cortez, 1985.

SEVERINO, A.J. Prática, existência e conhecimento: breves considerações acerca do estatuto da Filosofia da Educação. In: **Revista Educação e Cultura Contemporânea.** v.5, n.9 Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2008.

Fontes:

<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>